

Prólogo



Fora necessário um milénio para o Destino aprender as canções dos fios, e mais tempo ainda para descobrir como os tecer.

Sentado no chão de uma cave iluminada por uma vela que esmorecia, debruçava-se sobre uma tapeçaria vazia, estendida sobre o seu colo. Acima dela, uma agulha reluzia entre dedos ágeis, a cor enfiada nela em constante mudança, à medida que o Destino engendrava ainda outra vida.

A primeira cor era sempre a mesma — um hino de branco que simbolizava vida nova. Seguia-se de imediato um calmante murmúrio de azul urdido sobre a tela, alimentado pela música que lhe vibrava nas veias. Melodias apaixonadas de vermelho e um queixume de amarelo surgiam a seguir, as cores a explodir sobre a tapeçaria como um rasgo de sol à medida que o Destino se deixava consumir pela vida da rica aristocrata que um dia se tornaria tão devastadoramente bela que inspiraria a mais prodigiosa arte. Quadros e esculturas, música e poesia — sendo que nada captaria alguma vez plenamente a sua beleza. A sua vida era uma série de tórridos casos amorosos, cada um tecido a partir de fios de gaze tão frágeis quanto requintados. A cada novo amante que ela aceitava e a cada reviravolta prevista, o Destino ia ficando mais frenético, atravessando-lhe a vida enquanto seguia um crescendo que só ele podia ouvir.

Quem o visse trabalhar partiria do princípio de que o Destino era mais músico do que artista — a agulha o seu arco e a tapeçaria o seu violino enquanto dedilhava vida sobre uma tela. A cada golpear da agulha, apressava-se a capturar uma vida que lhe ocorria em segundos, transformando canções em cores. Tecia com tanta pressa que não pensava. Não respirava. Estava tão perdido na história que, quando o bater de um acorde menor soava e o fio da agulha se tornava negro para assinalar o fim da tapeçaria, havia um segundo em que o Destino não se lembrava de quem era, quanto mais do que urdia.

Recordava-se, ainda assim, ao olhar para a sala vazia com as despojadas paredes cinzentas e ao reviver que essas cores vibrantes já não lhe pertenciam, mas sim àqueles cujas histórias previa. Embora a tapeçaria do Destino tivesse outrora brilhado de reluzente e puro ouro, o último fio fora maculado há séculos por uma nova cor — um discreto e perfeito prateado que ele não se conseguia obrigar a contemplar, pois simbolizava tudo o que lhe havia sido tirado. Tudo o que a *Morte* lhe roubara.

Ao apagar a vela, as paredes em seu redor transformaram-se em filas de tapeçarias suspensas de cordas móveis que se estendiam infinitamente à sua frente. Assim que um espaço vazio se revelou, o Destino deteve a linha o tempo suficiente para pendurar a mais recente adição. Passou um dedo pelas volutas de rico carmesim — a sua favorita de entre as cores, pois um amor e uma paixão assim tão fortes davam sempre as histórias mais cativantes. A tapeçaria seguiu caminho quando ele afastou a mão, e prosseguiria até todos os seus fios estarem desfeitos e regressar na corda seguinte, vazia e pronta para o urdir de nova história.

Tinha voltado os olhos dourados para a próxima tela quando um som lhe chamou a atenção. Era diferente de tudo o que já ouvira, tão suave como o toque de uma harpa, mas tão surpreendente como o acorde menor da Morte. Abafava todos os outros sons e, embora o Destino tivesse por regra nunca visitar as tapeçarias que já pendurara — pois porque haveria de alterar uma obra-prima? —, não resistiu ao seu chamado.

Passou por entre as filas, baixando-se e desviando-se enquanto avançava na sua direção. A corda aquietou-se à sua aproximação, e o Destino viu que a canção não vinha de uma tapeçaria, mas sim de duas.

A primeira era talvez a mais feia que o Destino alguma vez tecera, pois tinha demasiado cinzento e o púrpura de uma equimose. No entanto, o Destino demorara-se nela, cada fio cosido com precisão enquanto engendrava a sua dádiva cruel ao irmão: uma mulher a quem a Morte amaria, mas que jamais poderia ter. Só que agora o Destino franzia o sobrolho ao olhar para a tapeçaria, dado que, de alguma forma, a sua criação fora alterada. O cinzento transformava-se em linhas de negro que se fundiam em vermelho e dourado. Amarelo. Azul. E depois mais negro — não uma só linha, mas milhares de fios que continuaram a coser-se mesmo quando o Destino tomou a criação desfigurada nos punhos.

A segunda tapeçaria não era melhor do que a primeira. Espirais de rosa esvaecido e azuis gélidos eram cortados por grossas linhas pretas e brancas, uma e outra vez, como as teclas de um piano. Baixou-se para ouvir o seu canto — o mais sombrio e discreto dos hinos, em que cada nota golpeava como um murro — e afastou-se com uma inspiração brusca. A sua beleza era inegável e, no entanto, *errada*.

Puxando uma agulha que enfiara atrás da orelha, o Destino espetou-a na segunda tapeçaria para ver o que aconteceria quando tentasse introduzir o derradeiro fio negro da morte. Para sua surpresa, a tapeçaria cuspiu-lhe a agulha de volta para a palma e cerrou o punho em seu redor.

O que quer que fossem aquelas monstruosidades, não tinha sido ele a criá-las. Vê-las amargava-lhe o estômago, e puxou ambas as tapeçarias das cordas. Mesmo ao pô-las ao ombro, continuaram a crescer, pontos pretos e brancos a cair em cascata pelas suas costas, roçando a orla de cada degrau enquanto ele subia as escadas, tentando não tropeçar. Apressadamente, dirigiu-se a uma crepitante lareira de pedra que projetava um brilho ambarino sobre outra sala despida, esta sem mais nada além de uma solitária poltrona de cabedal voltada para as chamas bramantes.

Atirando a tapeçaria às riscas para as chamas, o Destino sentou-se na sua cadeira, ansioso por a ver arder. Mas as chamas apagaram-se assim que ele alimentou a fogueira, mergulhando a sala num frio demasiado familiar. Como se tivesse gelo a infiltrar-se nos seus ossos, apoderando-se do seu corpo e lançando-lhe tremores pela espinha.

Levantando-se precipitadamente, o Destino puxou a tapeçaria da lareira, franzindo o cenho ao vê-la reacender-se. Com a raiva a despertar, pegou na tapeçaria hediondamente pisada e atirou-a às chamas, que lhe cuspiram brasas para o rosto. Aos tropeções, o Destino recuou, protegendo-se. Ao lançar um olhar fulminante ao fogo, viu que não era vermelho nem laranja, mas de uma cor que julgava que nunca mais voltaria a ver.

A cor esvaiu-se do seu rosto enquanto fechava os dedos trémulos sobre a tapeçaria, sem lhe importar que o calor lhe abrasasse as palmas ao libertá-la das chamas. Puxou a cadeira para a orla da sala, a fim de poder estender a tapeçaria à sua frente. Caiu de joelhos, fitando, perscrutando — e ali estavam eles, a reluzir como estrelas: fios de prata. Perfeitos e impossíveis fios de prata. Até que pestanejou e deixou de os ver.

A sua respiração tornou-se esforçada. Provavelmente, o que vira era pouco mais do que produto da sua solidão. Um delírio causado por demasiado trabalho. Pois, ao fim de tanto tempo à procura... tê-la-ia por fim encontrado?

Delicado como um amante, o Destino passou a mão pelos fios para ver a quem pertencia aquela tapeçaria — a uma rapariga que tinha urdido por despeito, feita com o intuito de tentar suficientemente a Morte e arruinar o homem quando se verificasse que já não podiam estar juntos. No entanto, a espiral do seu destino tinha, de algum modo, continuado a avançar, já fora do seu controlo.

A segunda tapeçaria era similar, pertencente a uma rapariga que desafiara o Destino não uma, não duas, mas três vezes. A Morte tinha-o avisado muitas vezes de que era demasiado sobranceiro com os destinos que tecia — de que não existia tal coisa como uma criação perfeita e de que, um dia, alguém venceria o futuro que ele lhe atribuíra e derrotaria o Destino no seu próprio jogo. Até então, nunca acreditara que isso pudesse ser verdade.

Tinha de saber, de ver por si mesmo essa rapariga com os fios de prata, Signa Farrow. Assim, o Destino pegou no chapéu e nas luvas e foi invadir uma festa.

UM



Diz-se que a dedaleira é mais letal pouco antes de as sementes amadurecerem.

Signa Farrow não pôde deixar de pensar nessa fascinantemente tóxica flor, e na mansão da sua família que partilhava o seu nome, enquanto olhava para o cadáver do outrora duque de Berness. Lorde Julius Wakefield.

Durante toda a vida, ouvira as histórias de como os pais tinham morrido nessa mansão, o seu fôlego roubado pelo veneno. Em pequena, Signa encontrara recortes amarrotados de jornais a descrever o incidente enterrados no sótão da avó, e lembrava-se de pensar que devia ter sido uma noite magnificamente trágica. Visualizara corpos a dançar sob uma névoa amanteigada de luzes enquanto vestidos de cetim rodopiavam pelo salão de baile, e pensava que deviam ter sido encantadores esses últimos momentos antes da chegada da Morte. Reconfortara-a saber que a mãe tinha morrido a usar um vestido de baile e a fazer o que mais adorava.

Signa nunca se permitira imaginar a tragédia de tal morte, nem para a fim de pensar nos copos a partirem-se e nos gritos ensurdecadores, como os que reverberavam agora pelo salão de baile de Thorn Grove. Até a sua prima Blythe cambalear para a frente ao ser empurrada por alguém, Signa nunca pensara em como uma pessoa teria de prestar atenção

às mãos e aos dedos dos pés para evitar ser espezinhada pelos que passavam a correr pelo corpo que jazia morto aos seus pés e se precipitavam em direção a uma saída.

Aquela não era a morte bela e pacífica que sonhara para os pais.

Era uma morte implacável.

Everett Wakefield deixou-se cair de joelhos ao lado do pai. Encolheu-se junto ao corpo, sem dar qualquer sinal de consciência do caos crescente, nem quando a sua prima, Eliza Wakefield, o agarrou por um ombro. Tinha o rosto verde como líquenes. Lançando um longo olhar ao tio morto, agarrou-se à barriga e vomitou o jantar no chão de mármore. Everett nem sequer estremeceu quando o vômito lhe salpicou as botas.

Momentos antes, o duque de Berness era todo sorrisos, enquanto se preparava para se associar aos Hawthorne no seu estimado negócio, o clube de cavalheiros Grey's. O acordo era o mexerico mais notável da cidade há semanas e um empreendimento que Elijah Hawthorne, o antigo guardião de Signa, alardeava há ainda mais tempo. Postado atrás do cadáver desse quase parceiro com um copo de champanhe cheio de água a tremer-lhe nas mãos, Elijah já não se mostrava orgulhoso. Tinha empalidecido de tal modo que a sua pele parecia mármore, com veias azuis sob os olhos.

— *Quem me fez isto?* — O espírito de Lorde Wakefield pairava sobre o seu corpo, sem tocar com os pés translúcidos no chão enquanto se virava a fim de olhar para a Morte e para Signa, os únicos que o podiam ver.

Signa perguntava-se o mesmo, ainda que, com a multidão inquieta que os rodeava, não pudesse responder a Lorde Wakefield em voz alta. Esperou para ver se mais corpos tombavam, interrogando-se se fora assim em Foxglove na noite da morte dos pais. Se a mansão parecera demasiado luminosa e resplandecente para a doença que maculava o ar — e se o vestido conspurcado de suor da mãe e os seus cabelos encaracolados lhe tinham parecido tão pesados na altura como os de Signa pareciam agora.

Estava tão perdida nos pensamentos e no pânico que estremeceu ao ouvir o sussurro da Morte ao seu lado.

— Calma, Passarinho. Não vai morrer mais ninguém esta noite.

Se a intenção era tranquilizá-la, ia ter de se esforçar mais.

Everett segurava a mão inerte do pai, as suas lágrimas a caírem num silêncio arrepiante enquanto o espírito do homem tombava de joelhos ao seu lado.

— *Há alguma maneira de reverter isto?*

Era tal a severidade — a esperança — com que Lorde Wakefield perscrutava Signa que os seus ombros descaíram. Céus, o que não daria para poder dizer-lhe que sim.

Dadas as circunstâncias, fingiu que não o ouvia, pois a sua concentração tinha sido roubada por um homem que estava no outro lado do cadáver, a observar cada movimento seu. A sua mera presença fez Signa recuar, cada pelo do seu corpo em pé.

Nunca tinha visto aquele homem, mas soube quem era assim que o seu olhar abrasador a fitou. A névoa de luzes turvou-se e os gritos apavorados dos presentes na festa esbateram-se, até pouco mais serem do que um zumbido distante. Enquanto o amplexo da Morte se apertava sobre ela, Signa descobriu que não se conseguia virar para o fitar. O homem que se autointitulava Destino consumia-a e, a julgar pelo sorriso que lhe entreabria os lábios, sabia-o.

— É um prazer, menina Farrow. — A sua voz era rica como o mel, apesar de não conter qualquer doçura. — Há muito tempo que a procurava.

Era mais alto do que a Morte na sua forma humana, mas esguio e de músculos delicados. Enquanto a Morte era um homem de pele clara e traços acentuados por um maxilar lapidado e faces encovadas, o Destino exibía umas enganadoramente encantadoras covinhas sobre uma pele brônzea. Onde a Morte era escuridão e intriga, o Destino resplandecia como um farol para toda a luz do mundo.

— Porque estás aqui? — Foi a Morte quem perguntou, num tom de gélida amargura, pois os lábios entorpecidos de Signa eram uma coisa inútil.

O Destino inclinou a cabeça e olhou para a mão da Morte sobre o ombro de Signa, só uma faixa de tecido entre o toque de ambos.

— Queria conhecer a jovem que roubou o coração do meu irmão.

A atenção de Signa vacilou. *Irmão*. A Morte não tinha referido nenhum irmão e, dada a tensão no ar, não estava certa se devia acreditar.

Nunca sentira tal letalidade da parte da Morte, cujas sombras empoçavam aos seus pés. Ansiava por recuar e procurar refúgio na sua proteção, mas por mais que implorasse ao corpo que se mexesse, era como se os seus pés estivessem pregados ao chão. Signa sentia-se pouco mais do que um inseto sob o olhar fulminante do Destino, quase à espera de o ver erguer a bota para a esmagar. Em vez disso, ele deu dois passos em frente e tomou-lhe o rosto numa mão tão surpreendentemente macia que a fez retrair-se — *a mão de um nobre*, pensou. Curvou-se até ficar ao seu nível, o toque a abrasar-lhe a pele.

— Larga-a. — As sombras da Morte projetaram-se para a frente, parando junto à nuca do Destino quando o homem arrastou o polegar sobre a garganta de Signa.

— Não vamos admitir isso. — O Destino nem sequer ergueu o olhar para reconhecer a ameaça da Morte. — Podes reinar sobre os mortos e moribundos, mas não esqueçamos que é a minha mão que controla o destino dos vivos. Enquanto respirar, esta é minha.

O frio desapareceu da sala enquanto a Morte se imobilizava. Signa debateu-se contra o aperto do Destino, mas o homem segurou-a bem. Baixou-se, ficando quase nariz contra nariz enquanto a inspecionava. E, apesar de não ter dito qualquer palavra, um olhar perscrutador espreitava do interior dos seus olhos antigos. Algo tão negro e febril que a fez morder a língua, não se atrevendo a dar qualquer passo contra aquele homem que aquietara até a Morte.

— Menina Farrow, faz alguma ideia de quem sou? — perguntou o Destino num sussurro.

Fitá-lo era como olhar para o Sol. Quanto mais Signa o observava, mais nebuloso o mundo se tornava, raios de luz a explodir-lhe na visão. Também a sua voz começava a turvar-se, as palavras suaves como natas ao aglomerarem-se.

As têmporas de Signa pulsavam com o desabrochar de uma dor de cabeça.

— Só de nome — disse, quase arquejando as palavras. Do toque à voz, tudo naquele homem era escaldante.

O aperto do Destino no seu rosto intensificou-se, prendendo-lhe a concentração.